

5

Conclusão: O que nos trouxeram as crianças

Não gostaria que meus escritos dispensassem alguém do trabalho de pensar por si mesmo. Mas, se possível, servissem para estimulá-lo a desenvolver seu próprio pensamento.
(Wittgenstein)

Vale destacar que não se pretende aqui trazer respostas, mas trazer questões que possam estimular o leitor a refletir sobre televisão e sua influência sobre a infância contemporânea. As questões aqui apresentadas foram definidas considerando-se o recorte proposto por este trabalho com base no arcabouço teórico e conceitual construído ao longo de toda a pesquisa.

5.1

A busca da Fama

*Luz, Quero luz
Sei que além das cortinas
São palcos azuis
E infinitas cortinas
Com palcos atrás*

(Chico Buarque)

Ao chegar na primeira escola percebi as crianças absolutamente dispostas a participar das oficinas sobre televisão, não apenas dispostas, mas empolgadas. Já no segundo encontro, na escola A, pela primeira vez com um grupo menor de crianças – quatro meninas e quatro meninos – no meio de toda balbúrdia, antes mesmo de começar a projeção do desenho, ouvi a pergunta: Esse trabalho é sobre televisão, então a gente vai aparecer na televisão? Continuei a caminhar com eles para a sala de vídeo e resolvi que voltaria a esta questão mais tarde. Chegando na sala de vídeo da escola, começamos a primeira atividade: sugeri que olhassem dentro de uma caixa grande que

eu tinha preparado e deixado em um canto da sala. Na tampa da caixa estava escrito: “ao abrir irá aparecer alguém que entende muito de televisão”.

Pesq.: Um de cada vez, vocês irão olhar dentro da caixa. Lá dentro aparece uma pessoa que entende muito de televisão.

As crianças iam, olhavam... Dentro da caixa havia um espelho grande. Elas retornavam aos seus lugares, algumas sorridentes, outras meio sem graça...

João: Não entendi. Não tem nada.

Pesq.: Vai lá olha de novo. Você vai ver a imagem de alguém que entende muito de televisão para crianças.

João: Ah, vi!

O menino sorri, mas volta para seu lugar com olhar de incredulidade. Depois que todos foram até a caixa e viram sua imagem refletida no espelho a pesquisadora pergunta o que eles haviam visto.

Menina: Um espelho.

Pesq.: Sim, tem um espelho... E o que vocês viram no espelho?

Menino: Eu...

Pesq.: Pois é, é essa pessoa que eu acho que entende muito de televisão. Vocês entendem muito de televisão para criança e é por isso que eu quero tanto saber o que vocês gostam, o que vocês vêem, para ver o que podemos fazer para a televisão para crianças ser melhor.

Pesq.: João, assim que eu entrei você falou: “pesquisa sobre televisão, então a gente vai aparecer na televisão?” É bom aparecer na Televisão, João?

João: É muito bom fica famoso.

Pesq.: Como é ser famoso?

João: Todo mundo vê a gente. Gosta da gente.

Daniel: Fica famoso vira estojo. Fabricam livros, tênis com a gente. Brinquedos... é bom ser famoso.

A magia da TV, o toque de midas que tudo transforma em fama, meteórica ou não. A busca dos quinze minutos de fama tão presente hoje, característica marcante tanto de nossa sociedade neste início de século XXI, como na mídia, onde estão muito em voga programas cuja única função parece ser jogar desconhecidos no mundo maravilhoso da fama, sem que eles precisem de qualquer talento especial. Basta aparecer na TV. São programas como “A Casa dos Artistas” (SBT) e “Big Brother Brasil” (Rede Globo), dentre outros produzidos no exterior. Está implícito no discurso destas crianças a clara percepção que elas têm da importância que a fama possui em nosso cotidiano. A metáfora do menino ao dizer que quando se é famoso “se vira estojo” representa o que é a fama hoje em dia e sua íntima relação com objetos de consumo descartáveis. Exatamente assim é a fama, como um estojo: no ano seguinte, quando aquela imagem impressa no estojo deixar de ser famosa, certamente será substituída por outra, não sem antes ter melhorado a condição financeira do “famoso”.

Na escola B, logo no primeiro encontro surge, espontaneamente, a mesma pergunta sobre a possibilidade de aparecer na TV. Desta vez, feita por uma das meninas. Então a pesquisadora faz uma pergunta geral:

Pesq.: - Quem quer trabalhar na TV?

Criança: Eu, eu, eu!!!!

Pesq.: Por quê?

Criança: Para ter muito dinheiro e não ter uma vida pobre.

Pesq.: Por quê ganhar muito dinheiro é bom?

Criança: Pra ter um quarto novo.

Criança: Para comprar o que você quiser.

Interessante o fato da criança ter mencionado que gostaria de aparecer na televisão para não ter “uma vida pobre”, principalmente porque estas crianças não levam ou levaram uma vida pobre, mesmo assim a televisão com seu toque de midas que tudo transforma em riqueza e fama traz para elas a visão de uma vida melhor ou, talvez, do poder de decisão e a possibilidade de exercer seu poder de compra imediatamente.

Não se pode deixar de considerar aqui a visão de Baudrillard (1995) sobre a lógica implacável da mercadoria. Na sociedade de consumo nossos desejos são produzidos dentro da lógica de que necessitamos daquilo que está sendo produzido e anunciado. O objeto desejado é necessariamente, um objeto distante, e possuí-lo retira dele sua áurea de desejável. Não faz sentido na lógica da sociedade do consumo desejar o que se tem. É preciso almejar o novo e para tanto é preciso se sentir destituído do objeto de nosso desejo. No discurso do menino sobre a importância de se aparecer na TV para não ter uma “vida de pobre” ele se coloca na posição de desejante e não possuidor do objeto de seu desejo. A fama existe em seu discurso como fator que traz a riqueza e, porque não dizer, fama que traz felicidade, uma vez que, a partir dela, pode se livrar da “vida de pobre”. O fato do objeto do desejo precisar ser algo que não possuímos contribui para a aproximação de sujeitos de classes sócio-econômicas diversas, fazendo não só que tenham como referência os mesmos padrões de consumo, mas que, algumas vezes, se sintam não-detentores dos mesmos objetos.

O imaginário trazido pela televisão de fama e prosperidade fascina as mentes infantis, fazendo com que o menino imagine o trabalho na TV como um possível caminho para não ter uma vida pobre. Esse enunciado daria margens para que reflexões, caso tivesse sido encontrado no discurso de uma criança de rua? O imaginário de que a TV poderia tirar a criança da vida pobre não pertence exclusivamente a crianças de classes menos privilegiadas: o desejo iguala a todos. É uma reflexão polêmica mas que não deve ser ignorada.

5.2

A televisão globalizada: o que é ficção e o que é realidade

Bruxa existe sim, mãe. Existe no vídeo

(Thali, 3 anos)

Vou tomar a liberdade de iniciar a reflexão deste sub-capítulo com esta narrativa pessoal, que não gostaria que fosse lida como um discurso intimista, mas como a possibilidade de trazer para a luz da reflexão o que a televisão contemporânea, no Brasil, tem trazido para o imaginário da audiência infantil. A partir das oficinas busquei discutir com as crianças os cenários que, apesar de corriqueiros, são conhecidos apenas através da televisão, como, por exemplo, natais com neve, casas de subúrbio com grandes gramados sem grades e idas para a escola de bicicleta.

Quando eu era pequena, lembro-me de perguntar repetidamente à minha mãe porque nos nossos natais não tinha neve. Vivia querendo ver a neve...

Mais tarde, vendo televisão, achava interessante os desenhos onde sempre apareciam os personagens em grandes casas de subúrbios totalmente arborizados com folhas caindo no outono, sem prédios em volta e com natais sempre cheios de casacos e neve. Acostumei a achar que essas eram coisas típicas de desenho animado, que simplesmente eram assim. A infância nos desenhos era formada por meninos e meninas que brincavam na rua e moravam em casas com gramados na frente e sem grades ou portões. Como se os cenários não refletissem uma realidade externa qualquer, que eu, por desconhecer, julgava inexistente.

Só muitos anos depois, numa temporada morando numa pequena cidade no estado de Michigan, nos Estados Unidos, me dei conta de onde vinham as inspirações para desenhos e filmes favoritos de minha infância de 20 anos atrás. Morávamos em um cenário de desenho animado, com as mudanças de estação bem definidas: folhas avermelhadas forrando as ruas no outono, macieiras para colher maçãs para nossas tortas, frio e muita, muita neve no inverno, e flores na primavera. Foi a primeira vez que

percebi como reais os cenários de meus desenhos animados. Me sentia em casa. Na verdade, era como se estivesse revendo uma parte de minha infância.

Com a intenção de despertar esta questão, levei para as oficinas um desenho antigo de natal. Neste desenho, em uma noite de muita neve, Papai Noel entra pela chaminé trazendo presentes para 7 criancinhas de macacões coloridos que dormiam em uma grande cama. O desenho é muito singelo, ingênuo mesmo, especialmente se considerarmos que a audiência é de crianças do ano 2002 que conhecem milhares de opções de desenhos animados, com mais cores e ação do que esse e, também, de brinquedos tecnologicamente complexos. Este Papai Noel trazia apenas bonequinhas, que se limitavam a dizer mamã, soldadinhos de madeira, bolas e carrinhos simples. Ao ser questionada, com muita propriedade, porque eu levaria este desenho, se não é o que as crianças vêem normalmente, e por que optar por uma animação que traz uma ingenuidade já distante da realidade que elas vivem. Minha intenção era justamente trazer algo de novo, uma visão de infância já quase não ofertada pela mídia hoje e saber se, apesar destas especificidades, as crianças estariam dispostas a aceitá-la. E, ainda, trazer para reflexão junto às crianças a existência de cenários nas animações que não estão relacionados com nossa realidade local, mas com outras realidades mais distantes.

Além destas questões, estava curiosa. Eu tinha uma hipótese, muito pessoal, de que as crianças têm vontade de ser crianças e existe uma enorme pressão das famílias, e especialmente da sociedade de consumo onde estamos todos inseridos queiramos ou não, para que elas cresçam e se tornem jovens consumidores. Este filme serviria para perceber o que nos dizem as crianças a respeito desta infância ingênua e fora de moda. Elas encontrariam espaço para este tipo de programa ou já estaria totalmente fora dos padrões da programação aceitável para elas? E, ainda, esta animação serviria para questionar a existência da neve em nossos natais tropicais, buscando a diferenciação entre o que é o mundo trazido pela telinha e o que é realidade cotidiana.

Escola A

Este desenho e minha insistência em levá-lo na primeira oficina foi uma das opções que mais gostei de ter feito. Nesta primeira oficina, com crianças maiores, esperava por uma

rejeição ao desenho, pois estávamos falando de crianças já descrentes da existência de Papai Noel. Crianças de um colégio grande onde elas eram a turma de menor idade, ou seja, crianças que conviviam com pares maiores e que não eram nada ingênuas.

Surpreendentemente, o desenho foi um sucesso! Especialmente entre as meninas, um sucesso impressionante. Todos pararam o que estavam fazendo para prestar atenção e faziam comentários dóceis: “Que gracinha, olha só!” Mesmo o menino que não parava de jogar *cards*¹ do “Dragon Ball” e se desinteressava da conversa toda vez que ele não conseguia levar os demais a conversar sobre seu assunto favorito, “Dragon Ball Z”, parou de mexer em seus *cards* e assistiu o desenho em silêncio, sem que ninguém lhe pedisse.

Quando o desenho acabou uma menina pediu: “Coloca de novo, por favor...” A partir daí muitos pedidos, sempre de meninas. Mas expliquei que era hora de conversar sobre o que havíamos assistido e que, provavelmente, não haveria tempo para recolocá-lo no final.

Conversamos sobre o que tinham gostado no desenho. Mesmo os meninos tinham gostado muito e falavam das criancinhas de roupas coloridas e dos presentes que Papai Noel tinha trazido com carinho. A conversa foi fluindo agradavelmente. Perguntei se nevava no nosso natal e depois perguntei por que tinha neve neste desenho. Confesso que a resposta de uma das meninas me deixou desconcertada:

“Porque esse natal é o de verdade, o natal lá da terra do Papai Noel.”

Um menino corta do outro lado.

Aai!!! Não existe Papai Noel.

Todos olham para mim. A menina não perde o fio e diz:

¹ *Cards* é o nome dado por cartas, semelhantes a cartas de baralho, com figuras de personagens de desenhos animados. São muito populares entre os meninos, que as utilizam para jogar e colecionar.

Eu sei... mas é na terra dele, que eu falei. Eu sei que ele já morreu, mas a terra dele é lá. Achei tão lindo ele trazendo os brinquedos, aquela bonequinha que falava mamã.

Ninguém mais contestou a existência do Papai Noel, mesmo que já estivesse morto. A ingenuidade, as palavras meigas e carinhosas para descrever a animação, não devem passar despercebidas, pelo contrário, servem para nos fazer refletir sobre o retorno que as crianças nos trazem com relação a um desenho onde a infância ainda é meiga e ingênua. Da mesma forma, podemos dizer que o retorno das crianças segue os mesmos padrões do desenho, se apresentando de forma mais meiga do que quando discutimos outros tipos de desenho, onde prevalece a ironia e a luta pelo poder.

Pesq.: O que acharam do filme?

Menina: Uma gracinha.

Menino: Bem legal.

Menino: Até que era legal.

O mesmo desenho foi apresentado nas outras duas oficinas na escola B, inicialmente para as crianças de 5 anos e depois para as de 6 anos. A aceitação foi semelhante a que vimos na primeira escola. Chegamos a novos discursos sobre a neve e a visão de mundo que estas crianças têm sobre aquilo que é distante e diverso de sua realidade cotidiana.

Pesq.: Tem neve no natal em sua casa?

Criança: Não.

Criança: Só lá em novembro, só em Netuno, eu já sei onde é que tem neve, lá no Plutão.

Criança: Plutão, Plutão...

Pesq.: Olhem só, eu vou perguntar o seguinte: por que no natal do desenho sempre tem neve? Por que será?

Criança: Porque eles estão lá em outro planeta.

Pesq.: Em outro planeta? Será?

Criança: Ah, quer dizer...

Criança: Plutão.

Pesq.: Será que tem neve aqui no Brasil, quando é natal?

Criança: Não.

Criança: Porque é muito calor.

Pesq.: Porque aqui é muito calor. Neste desenho tinha muita neve no natal e o natal de verdade tem neve?

Criança: Não.

Pesq.: Não?

Criança: Não.

Pesq.: Nenhum natal de verdade tem neve? Será?

Criança: Alguns.

Criança: Tem.

Pesq.: Alguns têm?

Criança: Tem, Pólo Norte e Norte do Sul.

Pesq.: O Pólo Norte e o Norte do Sul.

Criança: Na Itália.

Pesq.: Na Itália, você já foi no natal na Itália, Julia?

Criança: Não, mas eu sei que lá tem.

5.3

A diferença de gênero: meninos X meninas

Por isso não provoque... é cor de rosa-choque

(Rita Lee)

Quando comecei a pesquisa, a partir das conversas preliminares com as crianças² percebi que a questão do gênero, com a qual eu a princípio não estava esperando me deparar, certamente apareceria. Observando a programação percebe-se mais programas com ingredientes do agrado do público masculino,³ tais como lutas, aventuras, outras galáxias e personagens principais masculinos (e.g. “Pokemon”, “Dragon Ball”, Dexter, “Tom e Jerry” e Pernalonga).

Estas observações, conjugadas com o que já havia dito o diretor da área de programação infantil da Rede Globo de Televisão, de que a audiência é definida pelo público masculino, pode-se supor que meninos conduzem a audiência. Segundo este profissional, os programas “mais para meninos”, com aventuras, lutas ou ficção, são aceitos pelas meninas, mas um programa muito feminino seria excluído pela audiência masculina. Assim, programas com mais ingredientes femininos (por exemplo desenhos

² Apresentada no sub-capítulo 4.3 Começando a ouvir as crianças: preparando as oficinas.

³ Não há aqui qualquer intenção de generalizar e definir que meninas não gostam de lutas e aventuras, mas percebe-se nas brincadeiras, desenhos e discursos que elas gostariam de ter outras opções.

da Barbie), seriam assistidos exclusivamente por meninas e, no caso de televisões assistidas conjuntamente por meninos e meninas, os primeiros as levariam a procurar outras opções. Assim, para as emissoras de televisão, sempre em busca audiência, são mais interessantes os programas que possam agradar aos dois gêneros ou, pelo menos, agradar aos meninos.

Estas observações são respaldadas por algumas animações novas onde se percebe a mistura dos dois universos na busca de agradar aos dois gêneros. Desenhos como “Rocket Powers” e “Ei Arnold” parecem terem sido pensados para agradar a audiência masculina e feminina. No “Rocket Powers”, apesar do personagem principal ser Otto e ser uma animação cujo conteúdo versa sobre a prática de esportes ainda hoje mais masculinos (surf, hóquei e skate), existe no desenho a irmã de Otto, Reggie, que é um personagem muito atuante: ela participa de todos os esportes em companhia do irmão e de seus amigos e é muito competente em tudo o que faz. De forma semelhante, em “Ei Arnold” a presença da menina Helga com seu mal humor, agressividade e atitudes menos politicamente corretas do que as de Arnold, faz um excelente contraponto com o herói e, apesar de ser uma anti-heroína, traz para o desenho ingredientes como a paixão secreta pelo herói e o dilema entre ser autoritária ou meiga com relação ao amado.

Um outro exemplo de animação que mescla ingredientes masculinos e femininos e costuma agradar aos dois gêneros de audiência infantil é “As meninas Super-Poderosas”. Este desenho tem vários ingredientes que em geral agradam aos meninos (luta, ação, super-poderes e inimigos poderosos). As meninas, que são tão ativas e violentas quanto qualquer super-herói masculino, são, ao mesmo tempo, doces meninas do Jardim de Infância, e este detalhe é muito significativo para atrair o público feminino.

Nas oficinas, as diferentes preferências por gênero ficaram nítidas desde o primeiro momento, quando as crianças estavam desenhando o que mais gostavam de assistir na televisão e, depois, na continuidade das oficinas, ao escolherem o que a pesquisadora iria trazer para assistir no próximo encontro. Nas brincadeiras, ao interpretarem seus personagens de televisão favoritos, as meninas quase sempre escolhiam interpretar

princesas, apesar destas princesas não serem personagens cotidianos da programação televisiva, mas personagens de vídeos clássicos da Disney.

Na primeira oficina, escola A, as crianças desenharam o que mais gostavam e o que menos gostavam de ver na TV. Nos desenhos das meninas, “Dragon Ball” e sua continuação (“Dragon Ball Z”) apareceram, na maior parte dos desenhos, como os menos aceitos. No caso dos meninos, como os favoritos. Na discussão entre eles fica clara a diferença entre as duas audiências e os comentários de ambas as partes são fortes: “irado” e “maneiro” no lado masculino, enquanto “odeio” e “detesto” no lado feminino.

Pesq.: Os meninos escolheram o desenho do Dragon Ball Z, como o mais legal da televisão. Por que?

João: É irado, maneiro!! Tem luta. Eles sempre lutam!! *(Olhares de provocação para a pesquisadora e Gabriel e João começam a lutar.)*

Pesq. O.K.! O que mais eles tem de interessante? O que faz vocês gostarem tanto?

Gabriel: Eles tem poder.

Pesq.: Como assim? Como é que se tem poder?

João: Ele tem bolas de fogo. Eles dão poder para os outros.

Marco: Com fios elétricos, os fios elétricos.

João: Não só os andróides tem fios elétricos, os humanos não. Os humanos tem o poder que eles recebem...

Pesq.: Ah, eu vi que todas as meninas desenharam o Dragon Ball como o que menos gostam. Por que vocês não gostam?

Zara: É bobo. É ruim. Tem muita luta.

Gabriel: A Zara fala que não gosta. Diz que não vê, mas ela conta o episódio todo pra mim. Eu nem preciso ver. Então ela gosta.

Zara: Não eu não gosto. Detesto!! Mas meu irmão vê tudo então eu vejo e sei tudo, mas eu não gosto.

Pesq.: E porque você não pára de ver e faz outra coisa?

Zara: A gente não consegue sair da sala...

Gabriel: Como não consegue? É claro que consegue. Vê porque gosta.

A menina chega perto de mim e diz em tom bem mais baixo:

Zara: Eu não gosto. Só vejo porque meu irmão vê.

Camila: Eu vejo Sítio todo dia.

Zara e Alice: Eu também todo dia. Adoro!!

Na escola B, cujas oficinas foram realizadas com crianças menores, de 5 e 6 anos viu-se ainda de forma mais nítida a diferença. Para as meninas, os personagens favoritos eram, quase sempre, personagens de contos de fadas que estão disponíveis em vídeo e não habitualmente na programação diária para crianças, como as princesas Bela Adormecida e Branca de Neve e a Bela, do desenho a “Bela e a Fera”. Novamente, aparece a questão do menino dominando a audiência no discurso de Isabel, quando ela diz que gostaria de ver o Sítio, mas quando o irmão está em casa não assiste porque ele odeia.

Ação 1

A pergunta é: o que vocês mais gostam de ver na televisão?

Algumas meninas respondem que preferem Sítio e Isabel comenta:

Isabel: Meu irmão odeia sitio, então eu vejo Puccini⁴ quando ele está em casa, mas hoje ele tem futebol então eu posso ver o que eu quiser, aí hoje eu vi Sítio.

Ação 2

Pesq.: Vamos escolher o que vai passar na televisão. Cada um pode escolher o que quiser e imitar o personagem que mais gosta.

Júlia: Branca de Neve.

Menino: Branca de Neve é horroroso.

Pesq.: Tudo bem, mas ela acha bonito, então cada um pode achar o que quiser e o seu grupo é assim Rodrigo. Olha só, Lucas... se o Rodrigo vota numa coisa e o Lucas noutra tem muitas horas para passar programa de televisão, não tem? Passa de manhã, passa de tarde, passa de noite.

Carolina: Bela e a Fera.

Pesq.: Carol escolheu a Bela e a Fera. Agora eu queria perguntar o seguinte: o que vocês (meninos) queriam que passasse? Vocês dois escolheram o quê?

Meninos: A gente escolheu Dragon Ball Z e Digimon 2.

⁴ Desenho transmitido pelo Cartoon Network, cujo personagem principal é o cachorro Puccini que pertence a um menino filho único, nem sempre bem intencionado em suas brincadeiras com o mascote.

5.4

As transformações na narrativa: o papel dos adultos

Este capítulo tem como base os textos de Pasolini (1990) reunidos no livro “Jovens Infelizes”. São textos extremamente ricos, permitindo inúmeras possibilidades de discutir não apenas narrativa, mas também posicionamento político, mudanças tecnológicas, econômicas, sociais e suas possíveis causas e efeitos. A intenção é discutir alguns aspectos das mudanças na narrativa neste início de século, buscando trazer para reflexão como estas mudanças se refletem e são refletidas pelo papel dos pais na vida dentro e fora da tela de TV. Estamos incluindo trechos dos discursos das crianças, durante as oficinas, mostrando a visão delas sobre a autoridade parental no conteúdo televisivo e, fora dele, em suas experiências cotidianas.

Ao iniciar a discussão sobre as transformações da narrativa, gostaria de colocar os textos de Pasolini dentro de um contexto histórico, pois são textos escritos na década de 70. Assim, os jovens infelizes são, em 2003, senhores e senhoras entre 40 e 50 anos. É relevante esse posicionamento cronológico como forma de evitar a nostalgia ou o sentimentalismo de dizer “No nosso tempo era ótimo. A juventude era alegre e lutadora. Agora temos estes meninos que não pensam em nada, só vivem em frente a televisão, sem qualquer idealismo.”

Em “Gennariello: Linguagem Pedagógica das Coisas”, Pasolini fala com riqueza de detalhes sobre o que as coisas nos ensinam, a força destes ensinamentos, e o quanto estes ficam como se fossem esculpidos em nós. É muito mais difícil duvidar destes ensinamentos do que daqueles vindos através das palavras, pois o que aprendemos com as coisas não deixa espaço para réplicas ou dúvidas. Na década de 70, o mundo havia mudado e Pasolini retrata a ruptura cultural com precisão e capacidade crítica impressionante e inquestionável. Nem mesmo as “coisas” que nos ajudam a contar nossas histórias tinham se mantido as mesmas. As coisas haviam mudado.

“Aquilo que as coisas com sua linguagem me ensinaram é absolutamente diferente daquilo que as coisas com sua linguagem ensinaram a você. Não mudou, porém, a linguagem das coisas, caro Gennariello: são as próprias coisas que mudaram.”
(Pasolini, 1990: 131)

Este vazio deixado pelas coisas que “contavam” suas histórias nos faz sentir abandonados e distantes da geração seguinte, como se não fosse mais possível contar nossa história para os que chegam depois. Em Gennariello, Pasolini mostra, através da descrição da linguagem das coisas, a perda de laços e a conseqüente perda da capacidade de contar sua própria história ou de se relacionar com a geração seguinte. É difícil passar por textos de autores como Pasolini, Benjamin e Adorno, sem perceber que apesar de serem de épocas não tão distantes cronologicamente, se tornam distantes de nossa realidade, em virtude da grande quantidade de modificações tecnológicas, políticas e econômicas que, com maior ou menor intensidade, foram afetando a narrativa. Não sei se eram jovens tão infelizes como os vê Pasolini. Talvez faltasse aos jovens da década de 70 a rebeldia, o inconformismo e o espírito de luta idealista apenas se comparados aos movimentos dos jovens da década anterior.

Estamos em 2003, uma época de imagens e informações inesgotáveis. A qualquer hora do dia ou da noite podemos buscar e receber informações sobre qualquer assunto e recebê-las em uma velocidade inimaginável há 5 ou 10 anos atrás. Por outro lado, existem muitos objetos que foram parte ativa de nossas vidas e narrativas e que não são nem sequer conhecidos pela geração seguinte: as crianças não sabem o que é um LP ou um telefone em que se precisava discar.

Existe um distanciamento entre gerações imposto pela quebra de laços entre elas. Estes laços eram mantidos por objetos que passavam de uma geração para a outra. Berços que vinham desde a avó para serem usados por todos os netos. Camas que faziam bodas de ouro junto com casais e passavam para os filhos. Vemos esta ruptura pela perda dos objetos mais intensa hoje do que em 1975. Talvez, esta seja a origem do empobrecimento da narrativa: a falta de coisas que nos permitam lembrar, coisas que possam ser usadas como lastro na nossa narrativa, especialmente quando dirigida aos mais novos. Usar as mesmas coisas que nos ensinaram para ensinar à geração que vem.

“Não se pode ensinar se ao mesmo tempo não se aprende. Agora não posso te ensinar as ‘coisas’ que me educaram, e você não pode me ensinar as coisas que te estão educando.” (Pasolini, 1990: 132)

Sim, as coisas mudaram e vão continuar mudando. Mas será que devemos continuar permitindo que isto nos distancie cada vez mais da geração vindoura, culpando a tecnologia por este distanciamento?

No discurso midiático, os adultos aparecem sem ação diante das novas tecnologias, defasados e impossibilitados de ensinar às crianças, porque nada sabem de internet ou de outros “gadgets”.

Ação: Propaganda dos serviços via Internet de uma grande instituição financeira: Os pais tentam utilizar o serviço e não conseguem. O pai chama insistentemente Júlia, Júlia. Aparece uma menininha aparentando por volta de 4 anos aperta um botão e tudo se resolve. Os pais assistem imóveis. (anúncio veiculado nas grandes redes de televisão em 2002)

Onde estão os outros valores de nossa sociedade? É preciso resgatá-los e recolocá-los na narrativa cotidiana. Afinal, não é somente como utilizar a internet ou todas as possibilidades de um telefone celular que os pais podem ensinar a seus filhos. Adultos são, muitas vezes, personagens secundários nos desenhos infantis, algumas vezes sem fala, outras vezes somente pernas. Na propaganda, adultos são aqueles que precisam da ajuda de crianças de 4 ou 5 anos para acessar sua conta bancária via internet. Adultos frágeis, sem capacidade de expressão e passivos no que concerne a ensinamentos. Esses são os adultos da ficção. E como são os adultos do mundo real? Como nos comportamos como profissionais e pais? Qual é nosso discurso? Sabemos nosso papel, nossa responsabilidade em estar presentes, em acreditar e lutar por valores que achamos importantes? Ou delegamos toda responsabilidade em definir e transmitir valores para os profissionais da mídia e, às vezes, para a escola?

É preciso escolher a escola, conhecer a narrativa televisiva e suas mensagens, conversar com os filhos, discutir opções, dar limites, expor idéias, passar valores nos quais acreditamos. Ocupar o nosso espaço na sociedade e não aceitar o papel secundário, mas muito confortável, que a mídia está nos reservando.

A narrativa dos adultos contemporâneos parece frágil, empobrecida. Poderíamos mesmo dizer tímida, acuada por desconhecer seus valores e por não poder competir com a quantidade de informações, novidades e apelo áudio visual de tecnologias como a *internet* e a televisão. Nossos valores não estão claros para nós como estavam para as gerações anteriores. Não são tão inflexíveis ou estáveis, mas isto não significa que não existam ou que temos que abrir mão de transmiti-los. É essa postura que devemos ter em mente.

Vamos continuar a ser os jovens infelizes, com o papel de coadjuvantes em uma sociedade que tem o mercado publicitário e as programações televisivas para ensinar às gerações futuras? Triste essa sociedade. Aliás, se for assim, somos exatamente os jovens de 1975 descritos por Pasolini, e nos falta o inconformismo e a disposição para lutar pelo espaço que nos cabe na história.

A Televisão é muitas vezes culpada pelo distanciamento entre casais, pela falta de diálogo entre pais e filhos, pelo empobrecimento do conteúdo escolar e pela falta de integração entre as gerações. A televisão é instrumento socializante e pedagógico da maior importância na contemporaneidade e não devemos negligenciar tais aspectos. Mas o que vem mudando na narrativa trazida até nossas casas pela televisão?

“Já vou adiantando que é enorme a importância pedagógica da televisão, porque ela também nada faz senão oferecer uma série de “exemplos” de modos de ser e de comportamento. Embora os repórteres, apresentadores e toda a escória do gênero falem (e falam horrendamente), a verdadeira linguagem da televisão é de fato semelhante a linguagem das coisas: é perfeitamente pragmática e não admite réplicas, alternativas, resistência”. (Pasolini, 1990: 127)

Mas o que mudou? O que há de novo na narrativa televisiva? O ritmo das imagens está mais intenso; cada dia vemos mais imagens exibidas em um mesmo intervalo de tempo. O conteúdo televisivo é hoje uma profusão de imagens e assuntos se sucedendo e se intercalando em um quebra cabeça sem fim. A narrativa televisiva diminuiu o impacto da novidade: são tantas as novidades que não há mais novidade.

Outra importante mudança: os adultos vêm perdendo para os mais jovens seu papel de protagonistas na programação infantil e, em muitos casos, também na publicidade. Além disso, temos uma aproximação entre realidade e ficção com o desenvolvimento

cada vez maior das tecnologias e a melhoria das imagens técnicas, que faz com que a distância entre realidade e ficção nas imagens apresentadas na televisão seja cada vez menor. Nunca foi tão fácil filmar uma guerra real. Ao mesmo tempo, nunca os filmes de guerra ficcionais trouxeram imagens tão semelhantes às imagens do real. Que efeitos essa melhoria nos traz? Não nos impacta mais a guerra no Oriente Médio do que a guerra fictícia de um filme de Steven Spielberg, dado que são ambas reais na telinha. Precisamos de uma legenda ou fala que nos diga sobre qual delas devemos ter sentimentos reais: é a banalização da realidade. Desta forma, a narrativa televisiva vem mudando. Vivemos o mito da super informação. Temos a sensação de saber de tudo e, ao mesmo tempo, de não saber nada, pois as imagens são lançadas para nosso consumo em uma velocidade maior do que podemos capturá-las. “A *televisão... a velocidade do meio é superior à nossa capacidade de reter conteúdos.*” (Sarlo, 1997: 57)

Dentre todas as mudanças na narrativa televisiva, a mais importante na última década, em especial nos últimos 5 anos, é a possibilidade de interação. O controle remoto e, posteriormente, a *internet*, nos dão a oportunidade da réplica, antes ausente do discurso televisivo. Existem duas grandes críticas à narrativa televisiva: a falta de tempo para reflexão e a impossibilidade da réplica. A televisão, com seu arsenal infinito de imagens, a cada dia nos permite menores possibilidades de reflexão. Mas, e a réplica? A partir do advento do controle remoto e da interatividade é possível criticar a televisão, dar opinião e sugerir programas. Isto ocorre sempre dentro das opções oferecidas pela emissora, mas é possível interagir com esse microcosmo. O que muda com a interatividade?

A televisão hoje não impõe mais sua programação aos telespectadores. Atualmente já há espaço para a réplica através do controle remoto, como bem ressaltou Beatriz Sarlo (1997) em “Cenas da Vida Pós-Moderna”, e através de sites totalmente dedicados à audiência infantil, com o intuito de saber suas preferências, cativá-las e fidelizá-las como clientes. Em outras palavras, pode-se dizer que mudou a narrativa televisiva, já que estas opções de interação não eram possíveis há uma década atrás.

Não se pode ser simplista e considerar que estes dois adventos limitaram a influência da televisão ou permitiram que a audiência seja a parte mais forte da relação conteúdo

televisivo x audiência infantil. A interatividade, através do controle remoto ou de sites, é uma nova possibilidade que não pode ser ignorada e que está modificando o papel da televisão. No entanto, esta interatividade ainda está bastante limitada ao que a mídia deseja saber sobre seus telespectadores. A maior qualificação da audiência levará a ampliação dos benefícios da interatividade para os telespectadores.

Concluindo, temos um papel a desempenhar na sociedade. É preciso ter atitude crítica em relação aos acontecimentos e transformações que estamos vivenciando, e não viver como se a vida fosse um seriado interminável ao qual assistimos passivamente. O mundo está cada dia mais interativo, enquanto nós culpamos a tecnologia por nosso discurso dúbio e frágil diante das “verdades” trazidas pela televisão. O desafio está na interação entre as pessoas, entre as gerações e dentro destas gerações.

As crianças, com sua pluralidade de pontos de vista, nos apontam novas maneiras de olhar os rumos que estão tomando a autoridade dos pais e o papel dos adultos na sociedade contemporânea. Não devemos deixar passar essa oportunidade de, a partir destes pontos de vista, refletir e, principalmente, interagir e compartilhar com as gerações mais novas o que aprendemos. A seguir a fala das crianças e suas concepções de poder e autoridade parental:

Pesq.: E quem tem poder no mundo que a gente vive? Na nossa vida de todo dia quem tem poder?

João: O mágico.

Alice: Deus.

Marco: (ironizando) Deus, Jesus e o Espírito Santo.

Pesq.: Alguém mais, pessoal?

Alice : O anjo.

Pesq.: E pai e mãe tem poder?

Unânime: Não. Pai e mãe não.

Daniel: Tem poder de dar uns tapas.

João: Poder só de dar uns tapas na bunda.

Alice: Criança tem poder de fazer caras e convencer os pais, assim oh. Faz uma cara dengosa e a gente convence eles.

Pesq.: Quem escolhe o que você vê?

Maria: Eu escolho meu desenho.

Pesq.: Você escolhe?

Maria: É... mas, às vezes, meu pai fala que Nickelodeon xinga, aí eu tenho que... ele desliga a televisão e eu tenho que ir dormir.

Maria: É porque na Nickelodeon tem um monte de desenho que fica falando palavrão, aí eu não gosto de ver, mas é legal.

Criança: Tem muito palavrão.

Pesq.: Que palavrão é esse que fala na Nickelodeon que vocês estão me dizendo, que eu nunca ouvi nenhum palavrão na Nickelodeon?

Criança: Idiota, burro.

Criança: A Nickelodeon fala um monte de coisa de palavrão.

Pesq.: Quem é mais inteligente na casa do Jimmy Neutron? O pai dele, a mãe ou ele?

Crianças: Ele.

Pesq.: E o pai e a mãe são inteligentes?

Crianças: Não, o pai dele só tem o controle que pode ficar na água e é burro.

Pesq.: Olhem só, na casa da gente, quem sabe mais: o pai ou a gente?

Crianças: O pai.

Adulto: É mesmo?

Criança: (...) ...o controle.

Adulto: Ele o quê?

Criança: Construiu o controle.

Adulto: Da sua casa também o seu pai construiu o controle?

Criança: Não.

Criança: Eu sei mais do que meu pai e minha mãe.

Adulto: Você sabe mais do que seu pai e sua mãe? Por que você sabe mais do que eles?

Criança: Quem sabe mais na minha casa é o vovô.

Adulto: É o seu avô?

Criança: É. Porque ele já foi até na Amazônia, então eu acho que ele sabe tudo.

Adulto: É mesmo, é? (...) ... foi na Amazônia.

Criança: E meu pai é bom pintor, ele pinta quadros então é ele que sabe mais.

Adulto: É mesmo, é?

Criança: Meu avô é sabichão.

Adulto: Seu avô?

Criança: Porque ele sabe que o São Paulo já foi muitas vezes campeão.

5.5

Observações finais

Chegamos agora ao fim deste caminho, de onde vislumbramos outras direções que poderão ser seguidas daqui em diante. É preciso neste ponto parar, refletir e apresentar o que encontramos durante esta parte da caminhada. Para isso, primeiro abordaremos duas questões que permeiam todas as conclusões já apresentadas nos sub-capítulos anteriores, são elas: a autonomia da criança contemporânea e a intervenção da família e da escola como forma de gerar pensamento crítico.

As crianças hoje têm maior suporte da sociedade para exercer sua autonomia, dizer o que querem, e especialmente ver satisfeitos seus desejos de consumo. Mas quem está no comando destes desejos? É importante retornar ao pensamento de Veiga e perceber que nem sempre somos nós que estamos no comando. A sociedade de consumo, com suas grandes corporações, muitas vezes exerce o papel de geradora de desejos e necessidades.

Usualmente, ao terminar de assistir um programa de TV as crianças voltam às suas brincadeiras e não fazem comentários sobre o que acabaram de assistir. No entanto, os questionamentos sobre a programação televisiva surgem e se aprofundam se as crianças são incentivadas a refletir sobre o que viram. É preciso estorvar o hábito, como proposto por Benjamin, e recuperar a atenção e para tanto é necessária a intervenção dos adultos. Percebemos então, que a capacidade crítica da criança frente a seu mundo está estreitamente ligada a qualidade da relação destas crianças com os adultos ao seu redor: familiares e educadores. O que nos leva a acreditar que poderemos construir

uma audiência qualificada, ou seja, mais capaz de criticar o que assiste, se na família e na escola as crianças forem educadas e incentivadas a pensar criticamente sobre TV.

Voltamos agora a afirmação de Pasolini, já citada anteriormente neste texto: *"a verdadeira linguagem da televisão é de fato semelhante a linguagem das coisas: é perfeitamente pragmática e não admite réplicas, alternativas, resistência."* (Pasolini, 1990: 127). Apesar de concordarmos com a afirmação, entendemos que se a experiência de assistir televisão deixar de ser solitária e passar a ser uma experiência social discutida no seio da família e da escola, a criança terá a qualificação necessária para questionar o que recebe da TV e deixará de estar apenas submissa a retórica da mídia. Mais uma vez nos vemos diante das vantagens de se investir em educação para a mídia como forma de diminuir seus efeitos negativos para a audiência infantil.

A partir do diálogo com as crianças parceiras neste trabalho e considerando-se as conclusões acima tornaram-se mais relevantes para a pesquisadora as questões apresentadas nos sub-capítulos anteriores: fama; diferença entre ficção e realidade no imaginário infantil; as marcantes diferenças entre gêneros; e o papel dos adultos, não apenas nos programas infantis, mas na vida dos pequenos telespectadores.

Este trabalho traz a voz da criança da "Idade Mídia" para discussão na academia e nos meios de comunicação de massa. Esta voz, repleta de enunciados da mídia e dos adultos que vivem ao seu redor, nos ajuda a compreender como a programação infantil tem afetado a infância atual. Adicionalmente, ajuda a encontrar novos caminhos para o desenvolvimento de programas de televisão para crianças pequenas, programas estes que ampliem os benefícios e minimizem os efeitos nocivos da televisão, conforme proposto nos objetivos deste trabalho.

Finalmente, esta pesquisa discute o papel dos adultos na ficção e no mundo real das crianças. Não é possível, nem desejável, a exclusão dos adultos do mundo infantil. Assim, é importante que os adultos tenham ciência do papel que desempenham. Cabe aos pais a responsabilidade pela educação dos filhos e aos professores a responsabilidade de compartilhar com as crianças o aprendizado nas salas de aula. São ainda funções dos adultos: definir qual o conteúdo e os horários adequados para seus filhos assistirem; oferecer aos filhos atividades alternativas; conversar com eles e tentar

entender sua opinião sobre o que assistem, ou seja, compartilhar experiências. Em suma, tomar parte na narrativa contemporânea como personagens que “falam”.

Na narrativa dos adultos e na narrativa televisiva criou-se um espaço para o protagonismo das crianças. Elas não estão mais totalmente submetidas ao autoritarismo dos pais ou professores. Esta mudança deve ser vista como um alargamento das possibilidades de interação e de troca de conhecimento entre crianças e adultos. Os adultos precisam compartilhar este protagonismo, partilhar idéias e ideais, sair da posição de coadjuvantes no mundo real e encontrar seu espaço na narrativa contemporânea.

Lurçat (1995) inicia seu livro “Tempos Cativos: As Crianças TV” com a citação de Marie Winn:

“A televisão ocupou o tempo livre das crianças: é um tempo prisioneiro. E muitas infâncias decorrem sem projeto, sem aqueles acontecimentos que constituem uma infância, onde mais tarde se irão buscar as mais preciosas recordações.” (Winn citado por Lurçat, 1995)

Há, sem dúvida, fundamentos de verdade nesta afirmação. A televisão ocupa o tempo livre das crianças e também dos adultos. Mesmo aquele tempo passado longe dela é muitas vezes gasto em assuntos a seu respeito. Mas, os efeitos negativos da televisão não são suficientes para que se tenha uma infância sem projeto e sem recordações preciosas. São necessários adultos sem expressividade e que deleguem sua narrativa para a televisão.

Historicamente as crianças têm se mostrado ávidas por informações, novidades e aprendizado. Onde estão os adultos que fazem parte da vida dessas crianças? Que outras opções de entretenimento, diálogo e atividades estão sendo propostas para que a infância seja palco de acontecimentos onde mais tarde se possa buscar as mais preciosas recordações? Não se deve esperar, no entanto, as mesmas recordações que tiveram seus pais, mas recordações pertencentes a essa nova geração, pois, afinal, as coisas mudam.

Este trabalho encerra-se aqui, não com respostas finais, mas com a apresentação de novas questões, geradas a partir das conclusões aqui apresentadas e que poderão ser desenvolvidas oportunamente dando continuidade a esta pesquisa, a saber:

- Discussão das transformações nas relações intra-familiares trazidas pela TV. Qual o papel desta TV para as gerações dos hoje avós, pais e filhos?
- Discussão de novas alternativas para a programação infantil, partindo dos resultados desta pesquisa, privilegiando a segmentação por gênero e faixa etária.

Assim, terminamos com a humildade de reconhecer que não existem respostas finais ou verdades inteiras, apenas, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, conseguimos ver meias verdades de acordo com nossos caprichos e nossa miopia.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: Adorno, W. & Hockheimer, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. P. 113-156.

AMORIM, M. O Texto de Pesquisa como Objeto Cultural e Polifônico (mimeo). Artigo publicado originalmente em francês na revista *MEI (Media et Information)*, n. 5, 1996, Université de Paris 8, Saint-Denis.

ANDERSEN, M. J. B. *Violência nos desenhos animados exibidos pela televisão: uma ponderação necessária*. São Paulo: USP, 1986.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Discurso na vida e discurso na arte. In: *Freudianism: a Marxist critique*. New York: Academic Press, 1976. (tradução de Cristovão Tezze, para uso didático).

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BALZALGETTE, C. & BUCKINGHAM, D. Introduction: the invisible audience. In Balzazette, C. & Buckingham, D. (orgs). *In front of the children: screen entertainment and young audiences*. London: British Film Institute, 1995. P. 1-14.

BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1985.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pos-modernidade*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

BELLI, A. Infância em tempos de megabytes. In: Castro, L. (org.) *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998. P. 175-188

BENJAMIN, W. O narrador in: Benjamin, W. *Obras escolhidas*, vol. I, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BROUGÈRE, G. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.

BRYANT, J. & ANDERSON D. R. (eds.). *Children's understanding of television: research on attention and comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

BUCKINGHAM, D. *After the Death of Childhood*. Cambridge: Polity Press, 2000.

_____. Studying Children's Media Cultures: A New Agenda for Cultural Studies. *Congresso Internacional: Os mundos Sociais e Culturais da Infância*, Actas, v.1, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2000.

CAMPOS, C. Regras: conflito e transgressão. Em busca da dimensão alteritária infância / adulto na relação família / escola. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio.

CASADO, A. *Os Meios de Comunicação Social e sua Influência sobre o Indivíduo e a Sociedade*. São Paulo: Cidade Nova, 1987.

CASTRO, L. Consumo e a Infância Barbarizada: elementos da modernização brasileira? In: *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998. P. 55-74.

_____. (org.) *Crianças e Jovens na Construção da Cultura*. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

_____. (org.) *Infância e Adolescência na Cultura do Consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

COMSTOCK, G. & STRASBURGER, V. Media Violence. *Q&A Adolescent Medicine: State of Art Reviews*, v., 1990, p.495-509.

ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). *Casamento e Família do Social a Clínica*. Rio de Janeiro: NAU, 2001.

FEILITZEN, C. & CARLSSON, U. (org.) *A Criança e Mídia – imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez, 2002.

FERNANDEZ, S. V. *Olhar a televisão com olhos de aprendiz: a relação da criança com a imagem publicitária televisiva*. Rio de Janeiro, 1992. Departamento de Educação, PUC-Rio

FUSARI, M. F. de R. e. *Meios de comunicação na formação de professores: televisão e vídeo em questão*. São Paulo: USP, 1990.

GAMBA Jr., N. *O que a noite conta*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

GOMIDE, P. Crianças e Adolescentes em frente à TV: o que e quanto assistem de televisão. *Revista Psicologia Argumento*, Champagnat, ano 19, n. 30, abril 2002, p. 17-28.

GUNTHER, M. *The future of television*. *Revista Fortune*, 1 de abril, 2002 p. 26-34.

GRUNAUER, S. C. S. *A criança pré- escolar e a televisão: um estudo sobre o impacto da televisão na vida das crianças paulistanas.* Tese USP, 1991.

GUEIROS, M. C. da S. *Consumo, logo existo: um estudo psicanalítico sobre os modismos das novelas de televisão.* Rio de Janeiro, 1993. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica do capitalismo tardio.* São Paulo: Ática, 1996.

JOBIM E SOUZA, S. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.* Campinas: Papirus, 1995.

_____ (org.) *Subjetividade em Questão.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

_____ (org.) *Mosaico: Imagens do conhecimento.* Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contracapa, 2000.

_____ *Educar na pós modernidade. Educar para quê?* Texto apresentado no evento “Terças Transdisciplinares – experimentando a fronteira entre a Psicologia e outras práticas teóricas”. Promovido pelo Conselho Regional de Psicologia – 5ª Região, 26 de Junho de 2001.

JOBIM E SOUZA, S. & CASTRO, L. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. *Psicologia Clínica Pós Graduação e Pesquisa*, v. 9, n. 9, 1997/8, Departamento de Psicologia PUC- Rio, p. 83-116.

KEHL, M. R. Imaginar e Pensar. In: Novaes A. (org.) *Rede Imaginária: Televisão e Democracia.* São Paulo: Cia das Letras, 1991. P.60-72.

KINCHELOE, J. & STEINBERG, S. *Cultura Infantil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KONDER, L. *A Questão da Ideologia.* Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002

KRAMER, S. & LEITE, M. I. *Infância e Produção Cultural.* Campinas: Papirus, 1998.

LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração. A família santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LAVILLE, C. *A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LEACH, P. *Your Baby and Child.* London: Penguin Books, 1997.

LURÇAT, L. *Tempos Cativos: As Crianças TV.* Lisboa: Nova Biblioteca 70, 1995.

MACHADO, A. *A televisão levada a sério.* São Paulo: Editora Senac, 2000.

NASCIMENTO, E. P. (org.) *Ética.* Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

NICOLACI-DA-COSTA, A. Questões Metodológicas sobre Análise de Discurso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 4,(1/2) 1989, p: 103-108.

NOVAES, A (org.) *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Cia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

PACHECO, E. *Televisão, Criança, Imaginário*. São Paulo: Papirus, 1998.

PALMER, E. L. & DORR, A. *Children and the faces of television*. New York: Academic Press, 1980.

PASOLINI, P. P. *Os Jovens Infelizes – Antologia de Ensaios Corsários*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PEREIRA, R. & JOBIM E SOUZA, S. Infância e Produção de Conhecimento na Contemporaneidade. In Kramer, S. & Leite, M. I. *Infância e Produção Cultural*. Campinas: Papirus, 1998.

PEARL, D., BOUTHILET, J. & LAZAR, (eds.). *Television and Behavior: ten years of scientific progress and implications for the eighties*. Washington, D.C.: US Government Printing Office, 1982.

PIAGET, J. *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

POSTMAN, N. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RAPPAPORT, C. R., FIORI W. da R., DAVIS, C.. *Psicologia do Desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981.

REIS, S. & SCHIAVO, M. *Sobra TV ou Falta Família? Os Programas Infantis da TV e a Formação Sexual das Crianças*. Rio de Janeiro, 2002. (mimeo)

SANTIAGO, S. *Alfabetização, Leitura e Sociedade de Massa*. In: Novaes A. (org.) *Rede Imaginária: Televisão e Democracia*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SARLO, B. *Cenas da Vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. *Sete hipóteses sobre a videopolítica* In: Sarlo, B. *Paisagens Imaginárias: Intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p: 129-138

SARTARI, G. *Homo Videns: televisão e pós pensamento*. Lisboa: Terramar, 2000.

SCHWARTZ, L. L. Tuning In to Media: Youth, Violence, and Incivility. In: *Psychology and the Media: a second look*. American Psychological Association, 1999.

SODRÉ, M. *Reinventando a cultura: A comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

STRASBURGER, V. C. *Os adolescentes e a Mídia: Impacto Psicológico*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VEIGA, F. D. *O Aprendiz do Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WALSH, D. Electronic Media tend to Privatize Family Life. *Family Focus*, March, 2001, p.F6-F7.

WENDERS, W. A paisagem urbana. *Revista do Patrimônio Histórico Nacional*, n. 23. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994.

WINN, M. *The plug in Drug*. New York: Penguin Books, 1985.

WINNICOTT, D. W. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fonte, 1993.

WITTEGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Abril, 1975.

ZAGURY, T. *Educar sem culpa*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

Revistas:

Cadernos de Antropologia e Imagem: Antropologia e Mídia, n. 5, 1995. Rio de Janeiro: UERJ/ NAI.

Jornal O Globo, Revista da TV, 3 de novembro 2002.

The Economist April 13th 2002 , Artigo: Power in Your Hand: a survey of Television

NET Guia de Programação, ano VIII, n. 92, outubro 2001. Editora Globo.

Revista Cláudia, n. 479, agosto 2001. São Paulo: Abril.

Handbook of Marriage and the Family 2nd edition, p.24-25F

Sites:

<http://www.tver.org.br>

<http://www.mundonick.com.br>

<http://www.cartoonnetwork.com.br>

<http://www.globo.com.br>

7

Anexos

Anexo I

Proposta de Oficinas em escolas particulares da Zona Sul do Rio de Janeiro

Trabalho de campo da pesquisa: Televisão sob a ótica da audiência infantil

Escola A

Pesquisadora: Monica Costa Boruchovitch

Proposta – Oficina - Assistindo Televisão Criticamente

3 encontros com 15 crianças de 7 anos

Local: uma sala de artes

A pesquisadora levará papel, canetas, lápis coloridos, gravador e fitas de vídeo para os encontros.

A escola cederia o vídeo cassete para os encontros.

1º encontro 30/10/2001

Apresentação de 8 minutos de um vídeo de Maurício de Souza, que não é transmitido pelas redes de televisão, estando disponível apenas em vídeo.

Conversar sobre o que assistem na televisão habitualmente.

Fazer um desenho sobre o que mais gosta e um outro sobre o que menos gosta de ver na televisão.

Fazer diário de campo detalhado e usar gravador.

2º encontro

Apresentar uma caixa fechada com um espelho e pedir que cada criança vá até a caixa e olhe, pois lá dentro aparecerá uma pessoa que entende muito de televisão para crianças.

Mostrar os desenhos feitos no encontro anterior e iniciar a discussão sobre o que os faz escolher estes desenhos. Buscar durante a conversa valores que estão sendo internalizados e visão de mundo.

3º encontro

Mostrar um desenho sobre o natal e conversar sobre as diferenças entre o natal que passa no desenho animado e o natal que acontece na “casa da gente”.

Estaremos buscando durante a discussão conhecimentos de um mundo ou uma infância globalizada e o papel da família.

Fazer diário de campo detalhado e usar gravador.

Escola B

Proposta de Oficina com crianças entre 5 e 6 anos

Parte integrante da pesquisa: Televisão sob a ótica da audiência infantil. Projeto de dissertação para obtenção do grau de mestre em psicologia clínica na PUC-RIO.

Pesquisadora: Monica Costa Boruchovitch

Oficina - Assistindo Televisão Criticamente

Metodologia: Adotar uma postura dialógica buscando ouvir a criança. Consideramos a criança não como objeto da pesquisa, mas sujeito com um saber a ser reconhecido e legitimado dentro de seu grupo de pares e pelo adulto pesquisador. Existe nesta pesquisa a intenção de intervir, mudar o curso da relação entre criança, família e televisão a partir da postura facilitadora do pesquisador, incentivando o pensamento crítico.

4 encontros com 10 ou 12 crianças (de 5 e 6 anos de idade) 1 vez por semana, meia hora cada encontro. Entre os meses de abril e maio de 2002. O número de crianças em cada encontro poderá ser menor se para a escola for possível dividir a turma.

Local: uma sala de artes

A pesquisadora levará papel para os encontros.

A escola cederia o vídeo cassete para os encontros.

1º Encontro

Conversar sobre o que assistem na televisão habitualmente.

- O que mais gostam de ver?
- O que menos gostam de ver?

- Quem escolhe o que vocês vêem na TV?

Fazer um desenho sobre o que mais gosta e um outro sobre o que menos gosta de ver na televisão.

Fazer diário de campo detalhado e usar gravador.

2º Encontro

Mostrar os desenhos feitos no encontro anterior e iniciar a discussão sobre o que os faz escolher estes desenhos. Buscar durante a conversa valores que estão sendo internalizados e visão de mundo.

Levar um vídeo de um desenho animado no qual apareça uma família: *Os Thornberries* ou *Rocket Powers* (Nickelodeon). Ver a familiaridade das crianças com os personagens buscando uma discussão de valores.

Quem ensina para quem?

Os pais ensinam para os filhos?

O que é ser criança?

3º Encontro

Desenhe você vendo televisão.

O que está passando?

Onde fica a televisão que você assiste?

Quem assiste televisão com você?

4º Encontro

Mostrar um desenho sobre o natal e conversar sobre as diferenças entre o natal que passa no desenho animado e o natal que acontece na “casa da gente”.

Estaremos buscando durante a discussão conhecimentos de um mundo ou uma infância globalizada e o papel da família.

Fazer diário de campo detalhado e usar gravador.

Todas as conversas e atividades serão pouco conduzidas, pois nas atividades e conversas espontâneas estão as “verdadeiras” respostas.

Um dia de programação de televisão no Brasil em 1959. Fonte: Revista TV Programas Ano IV número 164.

[illegible]



INS, BRONCA, ACIDOB-
LICO, ARTERIA NA
URINA, REUMATISMO E
MANCHAS NA PELE

Tome

Uredol



ALEGRIA
O MÊS INTEIRO
com
Uteroviol
Regulador e Sedativo

**Cuide de
sua Pêlo**

usando a eficaz
pomada



CALENDULA CONCRETA

CONTRA DERMATITES, SARCOS, MANCHAS,
RUJAS, PUNÇOS, ECZEMAS E URTICÁRIAS

**Recuperação
sexual
Sexuol**

Para ambos os sexos
Meior Vigor, Mais Vitalidade, mais completa
dos SEXUOL. Moderno restitutor das
energias perdidas. Nas Farm. e Drog. e Nas
telas. 33-Rio Alameda, 100 - Rio de Janeiro

CANAL 6 **TV-TUPI** **D. F.**

12.30 — MEIO DIA
Instrumental programa de variedades, apresentado por Jerry Campos e Noca Siqueira — Produção, direção e responsabilidade de Jerry Campos — Direção de TV de Jorge Barnabé.

1.30 — ALMOÇO COM AS ESTRELAS
Show — Artista Petrúlio meda para o almoço — Apresentação de Artista — Responsabilidade de Artista Petrúlio.

1.35 — TELE-ESPETIVO
Tribos e artistas da última acrobacia — Apresentação de Artista Petrúlio — Responsabilidade de Artista Petrúlio.

1.40 — PRODUTO DO MAR
Produção, direção de Maurício Dantas — Apresentação de Noca Siqueira.

1.45 — FLAUTA, CAVAQUINHO E VIOLÃO
Com Atílio e seu Regtinal — Responsabilidade de Armando Sivetti.

4.35 — PORTUGAL EM TV
Celebrazo Sivetti apresentando filmes de Portugal — Produção e responsabilidade de Celebrazo Sivetti.

5.30 — TEATRO ROMANCE CABRIO
MUSICAL
Bela apresentação de peça "MULHER PROTEIDA", adaptação de Celebrazo Sivetti — Direção de Celso D'Alva — Produção, direção de TV e responsabilidade de Mário Frazonetto.

5.35 — CLUBE DO LAR
Programa para as donas de casa — Com primeira — Sucessos e direção geral de Kim Maselli — Produção e responsabilidade de Jean Cam.

12.00 — SEREAO DAS CINCO
Produção e direção geral de A. J. Duarte — Atuação de Maizinha de Capua — Júpiter Falcão com Falcão Gervil — Placido Omas — Musical com Paulo Mafreiros — Apresentação de Noca Siqueira — Coprodução — TV-PRO-CINEMA.

[illegible]

Anexo III

Programação do Nickelodeon

HORÁRIO	SEGUNDA A SEXTA	SÁBADO E DOMINGO
7:00 am	O Mundo Escantado de Richard Scarry	Kablam
7:30 am	Dora, A Aventureira	Doug
8:00 am	As Pistas de Blue	Poochini
8:30 am	Juanito Jones (Seg, Qua, Sexta) / Miniman (T, Qui)	Bob Esponja
9:00 am	Rotten Ralph	Ei Arnold!
9:30 am	A Escola do Rinoceronte Voador	Ei Arnold!
10:00 am	Doug	Os Castores Pirados
10:30 am	Ginger	Ei Arnold!
11:00 am	Rugrats	Rugrats
11:30 am	Poochini	CUBIX
12:00 pm	Os Castores Pirados	Invasor Zim
12:30 pm	Bob Esponja	Yu-Gi-Oh!
1:00 pm	Ei Arnold!	Rocket Power
1:30 pm	Os Thornberry	Jimmy Neutron (Sábado)
2:00 pm	Rocket Power	Sabrina, A Feiticeira
2:30 pm	Ren e Stimpy	Patrulha Nick (Sábado)
3:00 pm		As Patricinhas
3:30 pm		Patrulha Nick (Sábado)
4:00 pm	Nicktoons	Irmã, Irmã
4:30 pm		Combo Nick
5:00 pm	Rugrats	
5:30 pm	Rocket Power	
6:00 pm	Ei Arnold!	
6:30 pm	Kenan e Kel (Seg - Qui)	
7:00 pm	S Club (Sexta)	
7:30 pm	Yu-Gi-Oh (Seg - Qua)	
8:00 pm	Patrulha Nick (Qui)	
8:30 pm	Sabrina (Sex)	
9:00 pm	Bob Esponja (Seg - Qui)	
9:30 pm	Taina (Sex)	
10:00 pm	Rugrats	
10:30 pm	Ei Arnold! (S, T, Qui, S)	
11:00 pm	Jimmy Neutron (Qua)	
11:30 pm	Rocket Power	
12:00 am	O Mundo do Tosh	
12:30 am	Kenan e Kel	
1:00 am	Sabrina, A Feiticeira	
1:30 am	Os Arquivos de Shelby Woo	
2:00 am		
2:30 am		
3:00 am		
3:30 am		
4:00 am		
4:30 am		
5:00 am		
5:30 am		
6:00 am		
6:30 am		

Fonte: site www.mundonick.com em Fevereiro/2003

Anexo IV

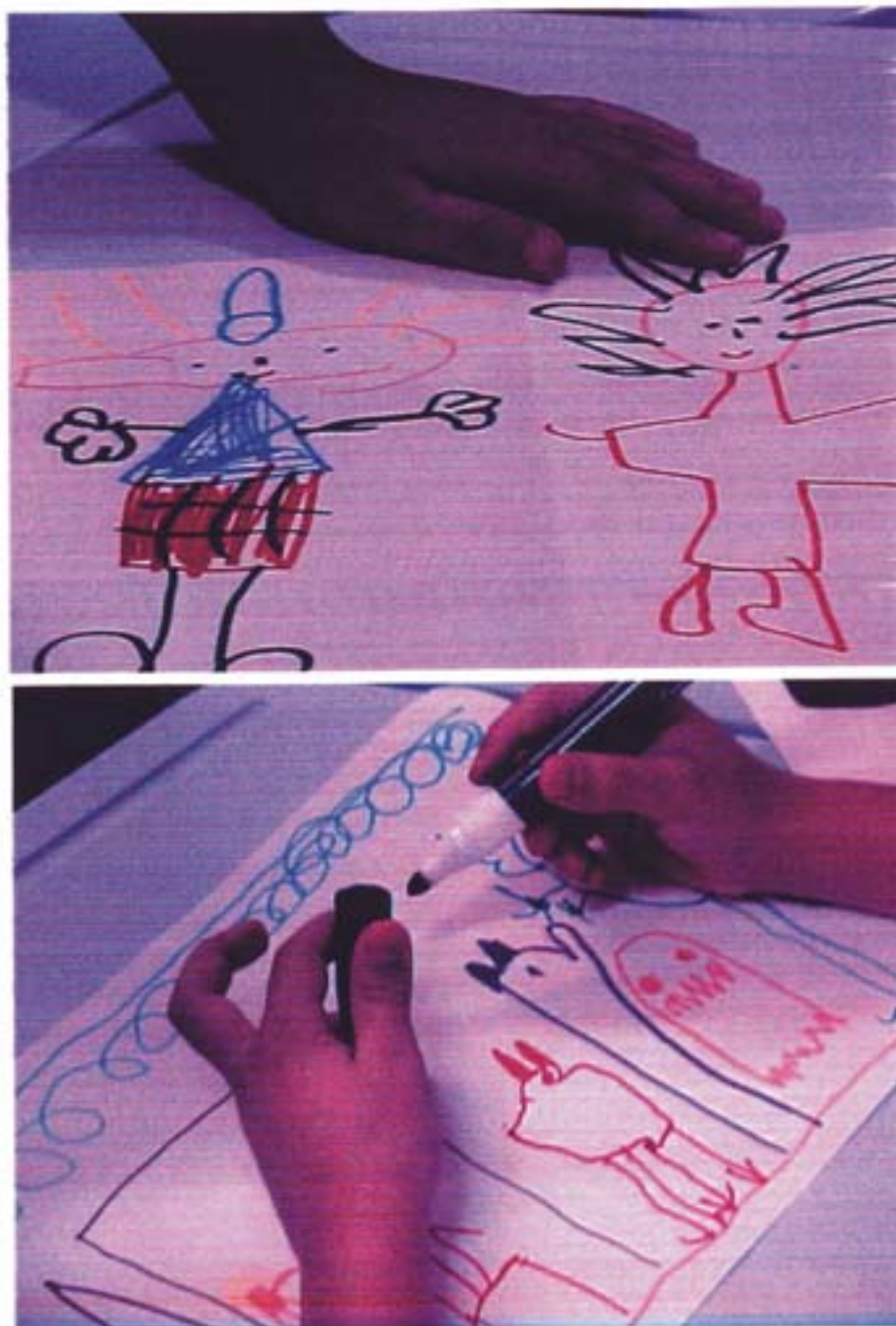
Programação do Cartoon Network



Fonte: site www.cartoonnetwork.com.br em Fevereiro/2003

Anexo V

Fotografias tiradas durante as oficinas, representam as crianças desenhando o programa que mais gostam e o que menos gostam de assistir.



Anexo VI

Desenhos realizados pelas crianças durante as oficinas.

1º Desenho – “O que eu mais gosto é a novela O Clone e o que menos gosto é o Sítio do Pica-pau Amarelo.” Menino 5 anos.



2º Desenho – Desenhe a sua Televisão – “ A minha fica no meu quarto com todas as minhas outras coisas: o computador, a cama, o tapete e essa sou eu.” Menina 5 anos.



3º Desenho – Desenhe sua Televisão – “Esta é a minha televisão, esse de cabelo louro comprido sou eu e essas são minhas mãos. Eu estou na televisão... Está passando o vídeo da minha escola.” Menino 5 anos.

